

**Migrações no futsal brasileiro:
Cenários dos clubes na Liga Nacional de Futsal entre as temporadas 2013, 2016, 2019 e
2022**

Iuri Salim de Souza; Murilo dos Reis Morbi, Marques, Renato¹.

¹ Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP, Brasil.

Introdução

No futsal brasileiro, os clubes demonstram uma fragilidade econômica com contratos curtos e informais aos jogadores, o que permite mudanças de clube na mesma temporada sem prejuízos financeiros ou qualquer tipo de punição à equipe (Marques & Marchi Jr., 2021; Marques et al., 2022).

A maioria dos contratos proporciona suporte imediato para os jogadores, mas são de curto prazo (Roderick, 2012). Esse fator, associado a uma percepção de insegurança, faz com que a maioria dos jogadores mude de clube a cada dois ou três anos (O'Toole, 2006; Roderick, 2012), o que também parece ocorrer no futsal (Marques e Marchi Jr., 2021). A possibilidade de escolher onde jogar e decidir os rumos da carreira é restrita a alguns indivíduos que têm melhores posições no mercado de transferências, e grande parte migra em consequência de falhas estruturais no local de trabalho (Roderick, 2012; 2014).

Complementarmente, pouco ainda se sabe sobre o contexto migratório brasileiro (Rubio, 2017; Marques & Marchi Junior, 2019), que é um país localizado no Sul Global, caracterizado por exportar grandes talentos esportivos para o Norte Global, o que nos dá influência nos cenários de migração esportiva intranacional e transnacional (Rojo; Marques e Starepravo, 2022).

A pergunta central é: como ocorreu o fluxo migratório dos jogadores brasileiros de futsal masculino da LNF ao longo da última década, comparando aqueles que jogaram as temporadas 2013, 2016, 2019 e 2022?

Os objetivos são: analisar como ocorre o fluxo migratório em atletas brasileiros de futsal masculino que jogaram na LNF 2013, 2016, 2019 e 2022, comparando os locais de nascimento dos atletas desses anos com a população de 0 a 14 anos e com dados encontrados por Marques e Marchi Jr. (2021) sobre a LNF 2013; investigar quantos jogadores permaneceram na mesma equipe da temporada 2019 a 2022, baseado nos dados da LNF 2013 a 2016 e de 2016 a 2019 feitos por Marques & Marchi Jr (2021).

Considerando que a abordagem sociológica auxilia a compreender as experiências migratórias intranacionais de jogadores de futsal (Elliott & Maguire, 2008; Guarnizo et al., 2019; O'Reilly, 2013), utilizamos categorias sociológicas da Sociologia Reflexiva de Pierre Bourdieu e sua Teoria dos Campos (Bourdieu, 1983, 1986, 1998; Bourdieu e Wacquant, 1992).

Método

Amostra

A amostra foi composta por: 374 atletas de 15 equipes que disputaram a Liga Nacional de Futsal na temporada 2013; 392 atletas de 19 equipes na temporada 2016; 365 atletas de 19 equipes na temporada 2019; 488 atletas de 22 equipes na temporada 2022, totalizando 1628 atletas. Os cálculos amostrais estavam disponíveis em: <http://www.surveysystem.com/sscalc.htm>, onde, com 95% de nível de confiança, e a população de 300, 223, 307 e 401 com locais de nascimento disponíveis no site do LNF, o tamanho amostral mínimo necessário foi de: 300, 223, 307 e 401, respectivamente.

Essas diferenças de três anos entre as temporadas ocorreram propositalmente, baseado na média de 1,8 ano de remanescência nos mesmos clubes por jogadores da elite do futsal encontrada por Marques e Marchi Jr. (2021).

Coleta de dados

Os dados referentes aos locais de nascimento foram obtidos no site oficial da Liga Nacional de Futsal (LNF). Os dados referentes ao índice demográfico e à população de 0 a 14 anos, provenientes dos locais de nascimento dos atletas, foram obtidos em dois sites: o site do Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil de 1991 (Brasil, 1991); *Censo Demográfico no Brasil*

de 2000 (IBGE, 2000). A primeira foi utilizada para comparar os locais de nascimento dos atletas da LNF 2013 e 2016 com a população do Brasil em 1991 de 0 a 14 anos. A segunda foi usada para comparar os locais de nascimento dos atletas da LNF 2019 e 2022 com a população do Brasil em 2000 de 0 a 14 anos. Essa divisão foi realizada para aproximar o ambiente em que os atletas tiveram suas primeiras experiências esportivas, pois a média de idade na LNF 2013 e 2016 era acima de 25 anos, e na LNF 2019 e 2022 era superior a 26 anos.

Análise estatística

Utilizou-se o teste Qui-quadrado para verificar se há diferença entre os locais de nascimento dos atletas na LNF 2013, 2016, 2019 e 2022 com toda a população de 0 a 14 anos no Brasil. A frequência esperada foi baseada no Atlas de Desenvolvimento Humano no Brasil de 1991 (Brasil, 1991) na LNF 2013 e 2016 e no Censo Demográfico do Brasil de 2000 (IBGE, 2000) na LNF 2019 e 2022. Os procedimentos estatísticos utilizaram nível de significância de $\alpha < 0,05$. Quando a frequência esperada foi menor que cinco atletas, foi feito o Teste Exato de Fisher.

Resultados

Contextualização do campo social da migração laboral masculina brasileira na LNF

Podemos ver em números percentuais e absolutos como a distribuição do local de nascimento do jogador é dividida pelas cinco grandes regiões do país entre as temporadas 2013, 2016, 2019 e 2022.

Tabela 1. Porcentagem e número absoluto dos locais de nascimento dos atletas divididos pelas regiões.

Regiões	2013	2016	2019	2022
Norte	3 (0,8%)	1 (0,4%)	0 (0%)	4 (1%)
Nordeste	35 (9,3%)	22 (9,9%)	40 (11,7%)	48 (12%)
Centro-oeste	5 (1,3%)	1 (0,4%)	1 (0,3%)	9 (2,2%)
Sudeste	166 (44,1%)	93 (41,7%)	146 (42,6%)	172 (42,9%)

Sul	167 (44,4%)	106 (47,5%)	156 (45,6%)	168 (41,9%)
Total	376 (100%)	223 (100%)	343 (100%)	401 (100%)

O local de nascimento dos atletas manteve-se estável na última década, com predominância de jogadores nascidos nas regiões Sul e Sudeste. Ambos representam mais de 80% de toda a população na LNF na década. As regiões Norte e Centro-Oeste representam menos de 5% dos atletas, o Nordeste representa aproximadamente 10% dos atletas. O Norte é a região mais segregada, e, na LNF 2019, não tinha atletas na liga.

Abaixo, podemos observar a comparação entre as frequências dos locais de nascimento dos atletas com a população brasileira de 0 a 14 anos e os resultados do Qui-quadrado.

Tabela 2. Porcentagem de distribuição dos locais de nascimento dos atletas comparado com a população de 0 a 14 anos de idade.

Regiões	LNF	Censo	LNF	Censo	LNF	Censo	LNF	Censo
	2013	1991	2016	1991	2019	2000	2019	2000
<i>Norte</i>	0,8	8,4	0,4	8,5	0	7,6	1	7,6
<i>Nordeste</i>	9,3	32,6	9,9	32,6	11,7	28,1	12	28,1
<i>Centro</i>	1,3	6,5	0,4	6,5	0,3	6,8	2,2	6,8
<i>Sudeste</i>	44,1	38,6	41,7	38,5	42,6	42,6	42,9	42,6
<i>Sul</i>	44,4	13,9	47,5	13,9	45,6	14,8	41,9	14,8
Total	100							
X²	358,5		246,5		*		271,0	
P	0,001		0,001		*		0,001	

** Nota: A região norte não tinha atletas nesse ano, o que impossibilitou o cálculo do qui-quadrado.

Há diferença estatística entre as frequências de locais de nascimento dos atletas e a população de 0 a 14 anos, e nossa amostra é significativamente diferente de toda a população. Isso sugere que os dados encontrados na comparação anterior entre os locais de nascimento dos jogadores da LNF 2013, 2016, 2019 e 2022 é um aspecto contextual específico da liga.

Características dos fluxos migratórios intranacionais de jogadores entre clubes da LNF ao longo da última década.

Na tabela 3, observamos a comparação dos jogadores que permaneceram no mesmo clube entre a LNF 2013 e 2016.

Tabela 3. Permanência dos jogadores nos clubes entre LNF 2013 e 2016 (adaptado de Marques & Marchi Jr., 2021).

Clubes da LNF 2013 e 2016	Jogadores na LNF 2013	Jogadores que jogaram no mesmo clube na LNF 2013 e LNF 2016	Porcentagem de jogadores que jogou no mesmo clube na LNF 2013 e 2016 (%)
A	11	1	9.1
B	22	4	18.2
C	16	2	12.5
D	18	2	11.1
E	23	8	34.8
F	15	2	13.3
G	27	1	3.7
H	22	0	0.0
I	19	2	10.5
J	22	5	22.7
K	21	4	19.0
L	19	2	10.5
M	23	0	0.0
N	24	4	16.7
O	18	2	11.1
P ^a	18	0	0.0
Q ^a	17	0	0.0
R ^a	18	0	0.0
S ^a	21	0	0.0
Total	374	39	10.4
Considerando clubes que participaram na LNF 2013 e 2016	300	39	13.0

Nota: clubes não foram identificados por questões éticas. LNF = Liga Nacional de Futsal.

^a Clubes que não participaram na LNF 2016.

Apenas 10,4% dos atletas permaneceram no mesmo clube. Dezenove clubes competiram a LNF 2013, mas quatro não competiram LNF 2016. Ainda, quando consideramos apenas os clubes que participam das temporadas 2013 e 2016, o percentual foi de apenas 13%.

Na tabela 4 observamos a comparação dos jogadores que permaneceram no mesmo clube entre a LNF 2016 e 2019.

Tabela 4. Permanência dos jogadores nos clubes entre a LNF 2016 e 2019 (adaptado de Marques & Marchi Jr., 2021).

Clubes da LNF 2016 and 2019	Jogadores na LNF 2016	Jogadores que jogaram no mesmo clube na LNF 2016 e LNF 2019	Porcentagem de jogadores que trabalharam no mesmo clube na LNF 2016 e 2019 (%)
A	21	3	14.3
B	17	3	17.6
C	20	3	15.0
D	19	1	5.3
E	24	2	8.3
F ^a	16	0	0.0
G	22	2	9.1
H	19	2	10.5
I ^a	18	0	0.0
J	19	4	21.0
K	22	1	4.5
L ^a	21	0	0.0
M ^a	24	0	0.0
N	24	4	16.7
O	21	2	9.5
T	17	0	0.0
U	24	2	8.3
V	24	2	8.3
W	20	4	20.0
Total	392	35	8.9
Considerando clubes que participaram na LNF 2016 e 2019	296	35	11.8

Nota: clubes não foram identificados por razões éticas. LNF = Liga Nacional de Futsal.

^a Clubes que não participaram da LNF 2019.

O percentual de atletas que permaneceram no mesmo time é de 8,9%. Outras três equipes não participaram da LNF 2019, mas, mesmo considerando apenas os clubes que participam em 2016 e 2019, o percentual ainda é baixo (11,8%), destacando a instabilidade do campeonato (Marques e Marchi Jr., 2021).

Na Tabela 5 apresentamos os dados comparando os atletas remanescentes da LNF 2019 e 2022.

Tabela 5. Permanência dos jogadores nos clubes entre a LNF 2019 e 2022.

Clubes da LNF 2019 e 2022	Jogadores na LNF 2019	Jogadores que jogaram no mesmo clube na LNF 2019 e LNF 2022	Porcentagem de jogadores que jogaram no mesmo clube na LNF 2019 e 2022 (%)
A	18	3	16.6
B ^a	17	0	0.0
C	20	1	5.0
D	19	3	15.7
E	22	3	13.6
G	18	1	5.5
H ^a	17	0	0.0
J	18	6	33.3
K	21	2	9.5
L	21	1	4.7
N	21	2	9.5
O	18	3	16.6
V	20	2	10.0
W	16	2	12.5
X	15	5	33.3
Y	22	5	22.7
Z	15	1	6.6
AA	17	0	0.0
AB	20	0	0.0
AC	31	7	22.5
Total	386	47	12.1
Considerando clubes que participaram na LNF 2019 and 2022	352	47	13.3

Nota: clubes não foram identificados por razões éticas. LNF = Liga Nacional de Futsal.

^a Clubes que não participaram da LNF 2022.

Apenas 12,1% dos atletas permaneceram no mesmo clube. Mesmo considerando apenas as equipes que participaram da LNF 2019 e 2022, o percentual ainda é baixo (13,3%), o que mostra a manutenção de um alto fluxo migratório na região Sul.

Discussão

O fluxo migratório de atletas ao longo da década se estável, visto que as regiões Sul e Sudeste não recebem muitos atletas de outras localidades do país, o que segrega e regionaliza a liga nas últimas, semelhante aos dados encontrados por Marques e Marchi Jr (2021).

Considerando a Sociologia Reflexiva, os atletas brasileiros de futsal de elite pertencem ao mesmo campo social (esporte profissional), e nossos achados descrevem que os nascidos em regiões segregadas parecem ser influenciados pelas forças do campo a não perceberem no futsal profissional uma possibilidade de carreira (Bourdieu, 1983). Desse modo, não direcionam seu ilusio para o esporte profissional em razão das dificuldades socialmente impostas pela LNF, que concentra atletas nascidos nas regiões Sul e Sudeste do país (Bourdieu, 1983; Bourdieu e Wacquant, 1992).

Entretanto, ao migrar da periferia para as regiões centrais, é possível transformar habitus e acumular capitais, especialmente econômicos (facilidades em continuidade a um contrato esportivo) e sociais (redes de relacionamento) (Bourdieu, 1986; 1990; Ugruhe & Agergaard, 2020). Nesse caso, o poder simbólico do campo é possuído pelos jogadores nascidos no Sul e Sudeste, que têm melhores oportunidades de migrar e mudar seu habitus para continuar jogando como jogador profissional, acumulando mais capital simbólico (desempenho esportivo) e ampliando a rede social, que são essenciais para construir o habitus e, conseqüentemente, estabelecer a doxa. Há uma violência simbólica imposta pelos dominantes desse campo que diminuem as oportunidades dos atletas que nasceram em regiões segregadas. Conseqüentemente, a LNF aceita essa distribuição desordenada de capitais e recursos, agindo e comportando-se como uma instituição ortodoxa e, ao fazê-lo, pode acentuar desigualdades já existentes (Bourdieu, 1986; Bourdieu e Wacquant, 1992; Bourdieu e Wacquant, 2000; Oliver O'Reilly, 2010; Ryan, 2011).

Nota-se um paradoxo na migração intranacional de jogadores de futsal de elite do sexo masculino na LNF. Temos poucos jogadores que atuam na LNF nascidos no Norte, Nordeste e Centro-Oeste, o que significa que a liga é composta por atletas do Sul. No entanto, nossos resultados mostraram que a minoria dos jogadores das regiões posteriores permanece no mesmo clube, o que significa que os fluxos migratórios intranacionais entre clubes desses

locais são intensos. Esses paradoxos mostraram que a carreira desses jogadores é incerta e instável de duas formas: para atletas nascidos no Norte, Nordeste e Centro-Oeste, faltam oportunidades para jogar em um clube da LNF; para atletas nascidos no Sul e Sudeste, os contratos formais com as equipes parecem ser curtos, pois a grande maioria mudou de clubes nesses intervalos estudados, semelhante aos achados mostrados por Marques e Marqui Jr (2021).

Os contratos de curto prazo restringem a acumulação de capital cultural, pois os agentes não têm tempo para se estabelecer em uma cidade específica (Ugruhe & Agergaard, 2020). Assim, a imprevisibilidade de sua carreira diminui os benefícios advindos dessas conversões de capitais (Bourdieu, 1986) e restringe as possibilidades de dupla carreira (Marques et al., 2022; Ungruge (Agergaard, 2020) que influencia a reinserção no mercado de trabalho em suas pós-carreiras. Essa volatilidade no mercado do futsal no Brasil pode afetar a realocação familiar, o que influencia a educação dos filhos, os laços de amizade dos atletas (Roderick, 2014). Portanto, limita a acumulação cultural para toda a família (Bourdieu, 1986), pois não há tempo hábil para concluir cursos de longa duração no mesmo local, pois na elite brasileira do futsal, quando os jogadores se mudam de um clube para outro, significa que eles migram de uma cidade para outra, o que restringe suas oportunidades de manter seus investimentos em educação (Marques & Marchi Jr., 2021). Portanto, cria-se uma violência simbólica dos clubes com os atletas (Bourdieu, 1983; 1986) na qual, esses últimos, para sobreviverem no campo, mobilizam-se constantemente (Elliot e Maguire, 2008).

Considerações finais

Podemos afirmar que a carreira de elite no futsal masculino brasileiro é incerta e instável, com um pequeno vínculo entre atletas e clubes, o que conseqüentemente leva os primeiros a migrarem para manter seu habitus esportivo e sobreviver no campo social do futsal de elite. Além da instabilidade, as oportunidades de jogar em um clube da LNF são quase restritas a atletas que nasceram em regiões do Sul do país. Faltam ofertas para atletas de outras regiões inseridos na mais importante liga de elite do futsal do Brasil, o que também revela uma fragilidade do sistema de organização em duas direções: a liga não aproveita novos talentos nascidos fora da região Sul; a liga restringe as oportunidades de carreira e, com isso, limita a transformação do habitus dos jogadores que não percebem o caminho atlético dentro de seu universo de possibilidades.

Referências

- Bourdieu, P. (1983). *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero
- Bourdieu, P. (1986). The forms of capital. In J. F. Richardson (Ed.), *Handbook of theory and research for the sociology of education*. Greenwood Press. 241-258.
- Bourdieu, P. & Passeron, J.-C. (1990). *Reproduction in education, society, and culture*. Sage.
- Bourdieu, P. (1989). *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Bourdieu, P. (1998). *Practical reasons: On the theory of action*. Stanford University Press.
- Bourdieu, P. (2004). Preface. In A. Sayad (Ed.), *The suffering of migrant* (pp. xi–xiii). Polity Press.
- Bourdieu, P., & Wacquant, L. (1992). *An invitation to reflexive sociology* (1st ed.). Blackwell Publishers.
- Bourdieu, P., & Wacquant, L. (2000). *The organic ethnologist of Algerian migration*. *Ethnography*, 1(2), 173–182.
- Brasil. (1991). *Atlas do desenvolvimento humano no Brasil*. Rio de Janeiro, PNUD, IPEA, Fundação João Pinheiro. Available in: <http://www.atlasbrasil.org.br>. Last access: june 2013.
- Elliott, R. (2013). New Europe, new chances? The migration of professional footballers to Poland's Ekstraklasa. *International Review for the Sociology of Sport*, 48(6), 736–750. <https://doi.org/10.1177/1012690212446472>
- Elliott, R., & Maguire, J. (2008). Thinking outside of the box: Exploring a conceptual synthesis for research in the area of athletic labor migration. *Sociology of Sport Journal*, 25(4), 482–497. <https://doi.org/10.1123/ssj.25.4.482>
- Guarnizo, L. E., Chaudhary, A. R., & Sørensen, N. N. (2019). Migrants' transnational political engagement in Spain and Italy. *Migration Studies*, 7, 281–322. <https://doi.org/10.1093/migration/mnx061>
- IBGE. (2000). *Censo Demográfico Brasileiro de 2000*. In: IBGE. Sidra: sistema IBGE de recuperação automática. Rio de Janeiro. Available in: <https://ibge.gov.br>. Accessed in: november 2022.
- Liga Nacional de Futsal. (2013). Atletas [Athletes]. <http://ligafutsal.com.br/>
- Liga Nacional de Futsal. (2016). Atletas [Athletes]. <http://ligafutsal.com.br/>
- Liga Nacional de Futsal. (2019). Atletas [Athletes]. <http://ligafutsal.com.br/>
- Liga Nacional de Futsal. (2022). Atletas [Athletes]. <http://ligafutsal.com.br/>

Marques, R. F. R., & Marchi Júnior, W. (2019). Media coverage on Brazilian men's futsal: National senior team players' perspective. *Movimento*, 25(1).
<https://doi.org/10.22456/1982-8918.75560x>

Marques, R.F.R., & Marchi Júnior, W. (2021). Migration for Work: Brazilian Futsal Players' Labor Conditions and Disposition for Mobility. *Journal of Sport and Social Issues* 45(3), 272–299. <https://doi.org/10.1177/0193723520928592>

Oliver, C., & O'Reilly, K. (2010). A Bourdieusian analysis of class and migration: Habitus and the individualizing process. *Sociology*, 44(1), 49–66.
<https://doi.org/10.1177/0038038509351627>

O'Reilly, K. (2013). *International migration and social theory*. In The encyclopedia of global human migration (pp. 1–6). <https://doi.org/10.1002/9781444351071.wbeghm307>

Rojo, J.R., Marques, R.F.R., & Starepravo, F.A. (2022). A Systematic Review of Research on Sport Migration. *Migration and Diversity*, 1 (1), 58-74.
<https://doi.org/10.33182/md.v1i1.2847>

Roderick, M. (2006). A very precarious 'profession': uncertainty in the working lives of professional footballers. *Work, employment and society*, 20 (2), 245–265.

Roderick, M. (2012). An unpaid labor of love: Professional footballers, family life, and the problem of job relocation. *Journal of Sport and Social Issues*, 36(3), 317–338.
<https://doi.org/10.1177/0193723512445283>

Roderick, M. (2014). From identification to dis-identification: case studies of job loss in professional football. *Qualitative Research in Sport, Exercise and Health*, 6 (2): 143-160.
<https://doi.org/10.1080/2159676X.2013.796491>

Rubio, K. (2017). Processos Migratórios E Deslocamentos: Caminhos Que Levaram Atletas De Modalidades Coletivas Aos Jogos Olímpicos De Barcelona Em 1992 [Migratory processes among Brazilian athletes: ways to become olympic in the 1990's]. *Olimpianos: Journal of Olympic Studies*, 1(1), 53–67.
<https://doi.org/10.30937/2526-6314.v1n1.id7>